



**8º Encontro Internacional de Política Social**  
**15º Encontro Nacional de Política Social**  
Tema: Questão social, violência e segurança pública:  
desafios e perspectivas  
Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

---

Eixo: Direitos geracionais (Família, infância, juventude e velhice).

**Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: constituindo a morada**

**Juliana Thimóteo Nazareno Mendes**<sup>1</sup>  
**Letícia Dias Ramos**<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa apresentar os resultados da pesquisa realizada com crianças e adolescentes acolhidos no município de Campos dos Goytacazes-RJ, que teve como objetivo compreender o sentido da morada para aqueles que vivenciam o acolhimento institucional. Partiu-se do pressuposto de que é através do espaço da morada que os sujeitos constroem suas experiências exprimindo sua maneira de ser e estar no mundo, conforme os modos de representações, ações e usos que fazem do lugar. Para tanto, realizou-se por meio da observação participante e da realização de 3 grupos de reflexão com os acolhidos, por acolhimentos. Constatou-se que o espaço do acolhimento é repleto de contradições, mas que as crianças e adolescentes compreendem aquele espaço como o de moradia.

**Palavras-chave:** Acolhimento Institucional; Criança e adolescente; Moradia.

**Institutional reception of children and adolescents: constituting the address**

**Abstract**

This article aims to present the results of the research carried out with children and adolescents welcomed in the city of Campos dos Goytacazes-RJ, which aimed to understand the meaning of the address for those who experience institutional care. It was based on the assumption that it is through the space of the home that the subjects build their experiences expressing their way of being and being in the world, according to the modes of representations, actions and uses they make of the place. To this end, it was carried out through participant observation and the realization of 3 reflection groups with those welcomed, by welcoming. It was found that the welcoming space is full of contradictions, but that children and adolescents understand that space as the home.

**Keywords:** Institutional Reception; Child and teenager; Home.

**Introdução**

A partir da Constituição Federal de 1988, os serviços de acolhimento institucional de crianças e adolescentes passaram a ter como princípios norteadores, sobretudo, os princípios da excepcionalidade, provisoriedade e garantia da convivência familiar e comunitária.

Ao enfatizar o caráter excepcional e provisório da medida de acolhimento, destaca-se sua dimensão temporal, pois a permanência neste lugar é marcada pela incerteza, já que é uma medida aplicada como forma de transição para reintegração familiar, ou não sendo possível, para a colocação em família substituta. Cabe destacar

---

1 Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e professora do Departamento de Serviço Social de Campos, da Universidade Federal Fluminense. Email: julianatnmendes@gmail.com.

2 Graduanda do Curso de Serviço Social. Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes (RJ). Email: camposramos143@gmail.com.

que o acolhimento institucional ocorre quando há violação dos direitos da criança e do adolescente, mediante o risco fundamentado contra sua integridade e pleno desenvolvimento.

Como medida protetiva, o acolhimento deve ter um ambiente estável e saudável para que os acolhidos possam viver com segurança, prestando os devidos cuidados na garantia de seus direitos e necessidades físicas, psicológicas e sociais. Sua estrutura deve se assemelhar ao de uma casa, estando situado em área residencial, atendendo a grupos de até vinte crianças e adolescentes.

O acolhimento institucional deve favorecer o desenvolvimento da subjetividade da criança e do adolescente, assim como, garantir o bem-estar e o respeito à sua história de vida, ao mesmo tempo em que permita construir possibilidades para seu futuro. Neste sentido, o atendimento personalizado que preserve a intimidade e a privacidade e uma escuta atenciosa são de extrema relevância para o reconhecimento das singularidades e construção do espaço de morada.

Cabe destacar que no município de Campos dos Goytacazes, em março de 2019, havia oito acolhimentos institucionais, sendo todos mantidos pelo poder público municipal por meio da Fundação Municipal da Infância e Juventude. Estavam acolhidos 171 crianças e adolescentes, sendo que a maioria era do sexo masculino (52,6%), na faixa etária de 12 a 18 anos (57%) e estando no acolhimento por um período de até 11 meses (71%).

Para a realização dos serviços alguns imóveis eram alugados e outros construídos pela prefeitura, no entanto, estes últimos, mesmo tendo sido construídos para a finalidade de ser um equipamento de acolhimento, alguns não atendiam as necessidades do serviço. Eles estavam mais próximos de um padrão arquitetônico de grandes instituições do que de uma construção residencial, como preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente. Os equipamentos possuíam, no geral: almoxarifado, onde ficavam guardadas as roupas e materiais de doações; brinquedoteca; dispensa para alimentos; garagem, jardim; lavanderia, refeitório; sala de atividades pedagógicas; sala de TV; além, dos quartos, banheiros e cozinha. Destaca-se que em 5 unidades havia um espaço destinado para o atendimento da equipe técnica, que ficava em um local específico, fora da área de residência. Em todos os acolhimentos haviam salas separadas para a coordenação e outra para a equipe técnica. Havia também sala para a enfermagem e sala de reuniões.

Considerando esta estrutura e realidade que buscou-se entender como o espaço do acolhimento vai se tornando uma morada para os acolhidos. Entende-se que o espaço da morada é o ponto referencial, o espaço de refúgio onde o sujeito se sente protegido e amparado e de onde passa a estabelecer relações com a cidade e seus habitantes.

Afim de responder a esta inquietação, foi desenvolvida uma pesquisa<sup>3</sup> em seis acolhimentos institucionais de crianças e adolescentes, mantidos pelo poder público municipal, em Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, entre os meses de fevereiro e junho de 2019. A pesquisa consistiu em dois momentos: o primeiro foi a realização de uma observação participante, em que duas vezes por semana, a equipe de pesquisadores ia aos acolhimentos com o objetivo de se aproximar dos acolhidos e conhecer a rotina institucional. Em média cada equipe realizou 28 horas de observação. O segundo momento consistiu na realização de grupos de reflexão com as crianças e adolescentes, em que estes foram convidados a se expressarem sobre a casa onde estavam acolhidos, as regras institucionais e a relação que estabeleciam com a cidade. O número de participantes variou por acolhimento e por oficina, pois as crianças e adolescentes podiam decidir participar ou não da atividade do dia.

A partir do exposto, os dados coletados serão apresentados considerando as temáticas abordadas. Primeiramente será discutido o espaço do acolhimento pelo olhar das crianças e adolescentes. Em seguida, as regras de convivência destacadas pelos acolhidos e por fim, a relação com a cidade por meio da inserção em uma unidade de acolhimento.

Espera-se com este artigo, suscitar reflexões sobre a organização dos serviços de acolhimento, afim de possibilitar seu aprimoramento e a elaboração de novas respostas às demandas das crianças e adolescente acolhidos, a fim de garantir e promover seu pleno desenvolvimento.

### **O espaço do acolhimento no olhar da criança e do adolescente**

Para pertencer a algum lugar é preciso sentir-se em “casa”, habitar o espaço. Habitar significa torna o lugar “existencialmente determinado, dotado de uma carga

---

<sup>3</sup> A pesquisa estava vinculada ao Núcleo de Pesquisas sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas (NIJUP) e seguiu os protocolos éticos, tendo a autorização dos gestores dos acolhimentos, bem como o aceite de crianças e adolescentes, mediante a assinatura do Termo de Livre e Esclarecido. Contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, por meio do Programa Viva Ciência e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), ambos com a concessão de uma bolsa de Iniciação Científica.

afetiva e de altos e baixos, limites e possibilidades” (MENDES, 2015. p.31). É onde o sujeito pode relaxar, chorar, vivenciar, criar lembranças e relacionar-se consigo mesmo e com o mundo.

Construir este lugar por meio do habitar é conceber sua morada, aqui entendida como ponto referencial para a espacialidade do sujeito. Ao passo que o indivíduo vivencia o espaço da casa e da cidade, ele vai transformando suas vivências e experiências. Tais experiências advindas das situações vividas são importantes para a construção da sensibilidade e percepção do homem sobre o mundo.

Nessa perspectiva, pesar o acolhimento a partir da dimensão da morada, também é considerar das dimensões objetivas, as condições de vida dos acolhidos e de suas famílias que levaram a inserção destes sujeitos nesta medida. É considerar também a importância de contribuir para que os acolhidos reflitam sobre suas condições, compreendam seu momento de vida para que a vivência cotidiana se transforme em experiência, capaz de promover mudanças individuais e coletivas.

A partir destas referências se buscou compreender os modos como as crianças e adolescentes acolhidos percebem seu espaço de moradia observando-as no seu cotidiano e discutindo com elas, partes deste processo, por meio da metodologia de pesquisa sinalizada anteriormente.

A fim de compreender o olhar dos acolhidos sobre o espaço da casa de acolhimento, utilizou-se como recurso a elaboração de desenhos individuais que retratassem o espaço da casa e que pudessem identificar, por meio de *emoticons*<sup>4</sup>, os lugares que mais gostavam, não gostavam ou eram indiferentes para eles.

Os acolhidos gostaram da ideia, principalmente as crianças que acabaram desenhando também outras coisas no lugar da casa.

---

<sup>4</sup> *Emoticon* é uma representação gráfica de uma emoção feita através dos caracteres que você tem à disposição em um dispositivo de comunicação eletrônica ou móvel para se comunicar.



Figura 1: Representação do acolhimento 4.

Fonte: A vivência nos serviços de acolhimento: a escuta de crianças e adolescentes acolhidos, 2019.



Figura 2: Representação do Acolhimento 1

Fonte: A vivência nos serviços de acolhimento: a escuta de crianças e adolescentes acolhidos, 2019.

Importante destacar que alguns acolhidos identificaram ligaram a palavra “casa” à sua casa de origem e não ao acolhimento. Isso indicou que para eles, “casa” é a denominação para se referir a casa de origem, onde está sua família e não onde residem.

Na confecção dos desenhos e colocação dos *emoticons*, algumas crianças e adolescentes relatavam o uso dos espaços e os sentidos que atribuíam a eles. Falas como, “é o lugar que mais gosto, porque posso cozinhar”, “sou doido para sair daqui” ou “gosto de tudo, não tem nada que eu não gosto” foram ouvidas no decorrer da

atividade quando explicavam o porquê da carinha em determinado lugar.

Sobre os usos e sentidos que os acolhidos dão aos espaços da casa, percebeu-se que os quartos são os lugares mais apontados pelas crianças e adolescentes, no uso com maior e menor frequência. O espaço do quarto no acolhimento, normalmente é coletivo, contendo os pertences dos acolhidos. Foi apresentado por eles como um espaço de lazer, onde conversam com os amigos (a), dormem, refletem e fazem uso da internet conforme as particularidades de cada acolhimento, e também, como um lugar que não gostam de frequentar, pois vão para o quarto quando estão de castigo ou tristes. Constatou-se, de forma recorrente, que é o espaço que mais representa as dimensões da experiência privada (objetos particulares, lugar de realizar reflexões pessoais, sentir-se consigo mesmo, etc).

Em seguida a cozinha, a varanda e o portão de entrada/saída foram os espaços que eles relatam que mais gostam e frequentam. A cozinha foi relatada como lugar bom porque, em alguns acolhimentos é permitido cozinhar com o auxílio de funcionários. Nestes acolhimentos tem-se o estímulo a autonomia, principalmente para os adolescentes.

Em um dos acolhimentos com perfil de meninos de 12 a 18 anos, era permitido e incentivado o preparo do café da manhã e do lanche da tarde, sendo disponibilizada no refeitório uma sanduicheira para que pudessem fazer misto quente, assim como em outro acolhimento, os acolhidos que faziam curso de culinária na Fundação Municipal da Infância e Juventude<sup>5</sup> poderiam colocar em prático o que foi aprendido.

Já o portão relaciona-se a saída do acolhimento. Para alguns foi colocado como um lugar que gostam de estar e para outros não. Foi possível perceber que os acolhidos relacionam o portão com a possibilidade de ir e vir, pois de acordo com algumas falas dos acolhidos: “*sou doido pra sair daqui*” e “*gosto de passear*”. O portão simboliza a saída e o retorno ao acolhimento, por isso, há porteiros monitorando diariamente os portões, ou até mesmo guardas municipais. Apenas em um acolhimento constatou-se que não havia porteiro e as crianças e adolescentes saíam para rua livremente acompanhados de funcionários.

Os acolhidos relataram não gostar de frequentar a coordenação, pois quando quebram as regras da casa são encaminhados para lá, e muitas vezes, levam

---

<sup>5</sup> A fundação Municipal da Infância e Juventude é um órgão da prefeitura Municipal de campos dos Goytacazes responsável por desenvolver ações e serviços voltados para a população infanto-juvenil. Inclusive, é a responsável pelos equipamentos de acolhimento institucional.

advertências verbais. Somados a isso, havia alguns desenhos e falas associados a lugares que não gostavam, conforme a particularidade de cada acolhimento, como por exemplo, alguns acolhidos não gostavam de estar no refeitório ou alguns quartos, pois teriam que conviver com outros acolhidos e por isso, não se sentiam a vontade. Já os adolescentes acolhidos, do sexo masculino, de um determinado equipamento, relataram gostar do telhado e do banheiro porque eram onde conseguiam se esconder dos educadores para fumarem.

Observa-se que crianças e adolescentes fazem uso do espaço do acolhimento, através das situações cotidianas de convivência. Sendo assim, é a partir da vivência que criam vínculos e sentidos nos espaços do acolhimento que habitam, negando-os ou se apropriando.

### **Regras institucionais**

Se o espaço ganha sentido pelas formas de uso e apropriação, é fundamental conhecer e compreender quais são as regras presentes nestes espaços. Para isso, foi realizada uma atividade em que os acolhidos deveriam pontuar o que se podia e não podia fazer no acolhimento, bem como quais as consequências quando não se cumpriam as regras.

A partir das colocações dos acolhidos, foi possível compreender alguns elementos da rotina institucional e dos significados que os acolhidos imprimem ao acolhimento.

Concordando com Fonseca e Mendes (2019), ao analisar as regras, identifica-se que elas expressavam a organização institucional, sobretudo a preocupação das coordenações em garantir os cuidados básicos, a proteção, os direitos individuais e o desenvolvimento da autonomia. As referidas autora destacam o cuidado com a higiene e alimentação que apareceram de forma recorrente nas falas dos acolhidos: tomar banho, comer/lanche; brincar, conversar, chorar e ir a igreja.

O destaque para estes elementos pode estar relacionado ao fato de que, para alguns acolhidos, tais situações não eram comuns na família de origem. Durante as atividades e o processo de observação participante, houve relatos, por exemplo, de alguns acolhidos, de que na casa não podia chorar porque o pai batia e de que em casa não fazia três refeições por dia. (FONSECA e MENDES, 2019, p. 17).

Já com relação ao que não se pode fazer nos acolhimento, as referidas autoras identificaram que as respostas poderiam ser agrupadas em três grupos: o que não se pode fazer em relação ao espaço, aos funcionários e aos próprios acolhidos.

Na relação com o espaço, Fonseca e Mendes (2019) problematizaram que algumas regras poderiam estar ligadas aos valores e percepções dos profissionais do que seja certo e errado. Como exemplo, citaram:

A proibição de comer na cozinha e de deitar no sofá novo, e até mesmo, a preocupação com a sexualidade, ao proibir a entrada de meninas no quarto dos meninos, a entrada no quarto das mães adolescentes, a dança de meninas perto dos meninos e o namorar. (FONSECA e MENDES, 2019, p. 19).

Já com relação aos profissionais, o destaque foi “ser respeitado e respeitar”. Tal comportamento foi algo que apareceu em vários momentos da pesquisa como fator positivo do acolhimento, pois afirmaram que lá aprenderam a respeitar os colegas e os funcionários. E também lá, se sentem respeitados.

Ainda no campo do que não se pode fazer nos acolhimentos, está o uso de substâncias ilícitas pelos adolescentes. Fonseca e Mendes (2019, p. 20) constataram que “mesmo os acolhidos expondo que não podem ter comportamentos ilícitos, estes criam estratégias para o uso destas substâncias, dentro e fora do acolhimento, sendo assim, o não poder, não significa não usar.”.

Ao não cumprirem as regras, os acolhidos sofrem algumas sanções, caracterizadas pelas referidas autoras como indo de uma escala das mais “leves” (advertências) às mais “severas” (ida para a coordenação e até mesmo para o “Degase”<sup>6</sup>). Portanto, as consequências no caso das regras serem descumpridas variam de acordo com a gravidade do ato, sendo o castigo, a advertência, a obrigação de pedir desculpas e de devolver o que foi pego enquadradas em sanções mínimas e as mais ditas pelos acolhidos.

Destarte que as normas e regras são necessárias para a organização dos acolhimentos institucionais, pois contemplam referenciais para a convivência coletiva. Contudo, considera-se que é importante a discussão e reflexão das regras pelos acolhidos, educadores, equipe técnica e coordenação, possibilitando uma construção

---

<sup>6</sup>O DEGASE é o Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Governo do Estado do Rio de Janeiro responsável pela execução das medidas socioeducativas em meio semiaberto e fechado, aplicadas aos adolescentes que cometeram ato infracional. Os adolescentes usam esta sigla para se referirem ao centro socioeducativa em meio fechado que existe no município.



coletiva destas normas, garantindo que tanto os profissionais como os acolhidos as compreendam e percebam seus sentidos e aplicação.

Por fim, cabe destacar que os acolhidos pontuaram que muitas destas regras são diferentes das que tinham em suas casas de origem. Sobretudo os adolescentes afirmaram que em suas casas de origem tinham mais liberdade, seja nos horários de dormir e acordar, como para sair e voltar de casa, como se verifica no quadro abaixo:

#### Diferença entre a casa de origem e o acolhimento institucional

O que é diferente	
Casa	Acolhimento
Presença da família (tem filhos, conversar com a mãe)	Quase tudo
Visita da família e amigos a qualquer hora	Ganhar coisas
Não tem hora para fazer as coisas	Tomar 3 banhos ao dia
Telefone liberado	As grades, os seguranças
Ir para a escola sozinho	Ficar preso
Brincadeiras	Estudos e cursos
Apanhava	Tem mais atenção, mais carinho
Usar drogas	Castigos
Poder andar de moto e ir a shows	As regras
Os amigos	As crianças

Fonte: A vivência nos serviços de acolhimento: a escuta de crianças e adolescentes acolhidos, 2019.

Além das regras, é possível perceber outras diferenças, como as relacionadas às questões materiais e estruturais: tamanho da casa, a quantidade de armários e quartos, a pintura, o ar condicionado/ventilador, a piscina, entre outros.

Nas suas casas colocaram a presença da família, dos filhos, dos amigos como diferente do acolhimento, assim como, a circulação pela cidade, brincar na rua, andar de moto, ir a shows e baile funk e ir à escola sozinhos. Estas relacionadas as dimensões do afeto e da autonomia.

No acolhimento disseram que tem mais atenção e mais carinho, que ganham coisas, tomam banho três vezes ao dia, tem um número maior de refeições, que tem mais frequência na escola e acesso a cursos. Em contrapartida, outros pontuaram que quase tudo é diferente, colocando que no acolhimento se sentem presos, tendo grades e seguranças. Que o acolhimento é localizado em bairro de facção de drogas diferente da do bairro de origem, gerando perigo para a circulação dos adolescentes, que se tem muito castigo e que não possuíam privacidade.

## **A relação com a cidade**

Uma das questões que perpassaram a pesquisa foi a compreensão da relação dos acolhidos com o espaço da cidade e como isso se altera na medida em que são inseridos no acolhimento. Tais questões são relevantes porque o sujeito se constituiu também na relação com a cidade.

Partiu-se da compreensão de que:

o homem se apropria do lugar por meio dos sentidos do corpo, do flunar pelas ruas, dos atos corriqueiros que permitem estabelecer profundos laços de identidade entre os habitantes e entre estes e o lugar. Tais ações permitem ao homem estabelecer sua morada sobre o lugar e habitar o espaço, dotando-os de significações.” (MENDES, 2016, p. 207).

De acordo com Carlos (2007), a apropriação do espaço se dá através das relações de vizinhança, do ir às compras, dos percursos etc. Certeau (2001) ainda destaca que as atividades dos passantes moldam os espaços e tecem os lugares. Neste sentido, compreender as formas e locais de circulação dos acolhidos pela cidade, antes e depois da medida é fundamental.

Aos adolescentes foram perguntados quais lugares costumavam frequentar antes de serem acolhidos e quais passaram a frequentar depois do acolhimento. Foi possível constatar que antes do acolhimento a circulação era mais fluida, por espaços diversos da cidade como: praças públicas, centro comercial da cidade, escola, igrejas, outros bairro, bailes funk. A rua era o lugar da diversão e lazer, como jogar bola, ou simplesmente ver os outros. O shopping também era o destino de alguns adolescentes na busca pelo lazer.

Cabe destacar, que ao falarem destes espaços, a entonação presente nos diálogos que foram estabelecidos era de liberdade e prazer como verificado na seguinte fala: “Andava como? Feliz”, “Vários lugares, pro centro”. De acordo com os acolhidos, a circulação acontecia a pé, de táxi, de bicicleta mas, sobretudo, de ônibus.

Após o acolhimento, a circulação ficou mais restrita e controlada. Os destinos passaram a ser as praças próximas aos acolhimentos, a Fundação da Infância e Juventude para práticas de atividades extracurriculares e os equipamentos para acompanhamento da situação de saúde, e, eventualmente, as praias, lagoas e shopping. Já o meio de circulação era sempre de carro. As caminhadas a pé só aconteciam para a ida à escola, quando esta era perto do acolhimento.

Neste sentido, ao serem inseridos na medida protetiva, seu circular pela cidade é limitado e controlado, incorrendo inclusive, na dificuldade dos adolescentes exercitarem sua autonomia.

Cabe ainda destacar, que este controle se dá também pela presença dos educadores durante as saídas pela cidade. Tal presença é vista pelos adolescentes como um fator que contribui para que sejam identificados como “diferentes” nos espaços que frequentam. Sendo assim, procuram alternativas para superar estas situações como: andar longe dos educadores, pedir para o carro parar longe dos lugares, entre outras.

Esta questão leva ao questionamento dos estigmas que perpassam os acolhidos e os preconceitos que sofrem, indicando a necessidade de aprofundamento desta questão em estudos futuros.

### **Considerações finais**

Ao apresentar os resultados da pesquisa realizada em seis acolhimentos institucionais de Campos dos Goytacazes, o objetivo foi de contribuir para uma reflexão sobre as formas de uso e apropriação do espaço do acolhimento, pelos acolhidos, a fim de constituírem ali, a morada. Discussão, que ainda carece de aprofundamento no campo das ciências sociais aplicadas.

Os dados demonstraram que os sentidos atribuídos ao espaço são decorrentes das formas de uso e das referências advindas de suas vivências anteriores. Percebeu-se que apesar das normas institucionais interferirem no uso do espaço, elas produziram mais impactos nos processos de sociabilidade dos acolhidos na relação destes com os demais acolhidos e funcionários.

Mesmo não tendo sido objeto da pesquisa, não se pode deixar de considerar que as formas de apropriação do espaço também apresentavam uma dimensão de gênero, percebida muito em função das regras institucionais. O controle sobre a circulação das meninas e meninos nos quartos, a entrada nos quartos das mães adolescentes e as atividades atribuídas a elas tinham como referências padrões de comportamentos esperados destes sujeitos, que merecem ser aprofundados em outros estudos.

Também se percebeu grande diferença nas formas de uso e apropriação entre crianças e adolescentes. As crianças tenderam a apresentar maior uso dos espaços coletivos dentro dos acolhimentos, do que os adolescentes. A vontade de sair dos acolhimentos também foram mais perceptivas nos adolescentes, ao fazerem referências

aos espaços e as regras institucionais.

Por fim, considera-se que tal estudo traz contribuições para os estudos das infâncias e adolescências, sobretudo na área do Serviço Social, que tende centrar o debate nas políticas públicas, não tendo as crianças e adolescentes como sujeitos da pesquisa.

## Referências

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**. Brasília, 2008.

CARLOS, A. F. A. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A. et. al. (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. FFLCH: São Paulo, 2007. Disponível em [http://www.controversia.com.br/antigo/uploaded/pdf/12759\\_o-lugar-no-do-mundo.pdf](http://www.controversia.com.br/antigo/uploaded/pdf/12759_o-lugar-no-do-mundo.pdf). Acesso em 26/03/2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FONSECA, Luiza B.; MENDES, Juliana T. M. **Avaliação e monitoramento dos serviços de acolhimento: a escuta de crianças e adolescentes**. Relatório de Pesquisa. Programa Viva Ciência. Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes; Universidade Federal Fluminense. 2019

LUVIZARO, N. ; GALHEIGO, S. M. . Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, p. 191-199, 2011.

MENDES, Juliana T. N.. **O HABITAR: práticas socioespaciais no Conjunto Morar Feliz do bairro Penha, Campos dos Goytacazes/RJ**. 2015. 261 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

TUMA, T. B. V.. DA NEGLIGÊNCIA AOS NEGLIGENCIADOS: Práticas arbitrárias no acolhimento institucional e o abandono na maioria. In: **Anais...VI Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2013, São Luis do Maranhão. O Desenvolvimento da Crise Capitalista e a Atualização das Lutas contra a Exploração, A dominação e a Humilhação. São Luis do Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2013.